

# *Humildade*





# *Humildade*

*As pessoas que têm verdadeiro  
valor não gostam de se exhibir.*

*São discretas  
e atentas aos outros.*



## Morangos

Os morangos bravos ainda não estão maduros. É cedo. Quem vai apanhar morangos em meados de Junho?

Mas ontem, no pátio, Vilius gabou-se:

— Amanhã vamos aos morangos. Na Grabchto (língua de areia na costa) há muitos! Hoje, enchemos a barriga. Deveríamos era ter levado um balde.

Na mão segurava um frasco com o fundo mal coberto de bagas rosadas.

Meteu-o debaixo do nariz de Romas e, depois, até deixou escorregar para a mão dele alguns morangos.

— Prova. Os vermelhos já os comi.

Romas cheirou-os, disse «obrigado» e pediu timidamente:

— Posso ir convosco?

— Depois logo se vê — respondeu Vilius, em tom trocista.

Em vez de comer os morangos, Romas ofereceu-os a Danute, que estava doente há dois dias. Tinha tosse. A mãe não a deixava andar na rua. E sem ela Romas aborrecia-se. Era uma boa amiga. Nada que se assemelhasse à Ruta.

Depois de provar os morangos, Danute disse:

— Que doces! Bem gostaria de comer mais!

— Agora não tenho mais, mas amanhã trago-te muitos. Vou apanhá-los com a rapaziada — prometeu Romas.

Isto foi ontem. Hoje... Romas encontrou Ignas e perguntou-lhe quando iam aos morangos. Este fugiu à resposta:

— Que morangos?!

— Vilius disse que íeis hoje...

— Vilius lá sabe o que diz. Deixa-me em paz!

— Mas eu prometi a Danute...

— E que tenho eu a ver com isso? Se prometeste, vai!

Ignas voltou-lhe as costas, enfiou as mãos nos bolsos e, bamboleando-se, atravessou o pátio. Chegando à cancela, virou-se para trás e gritou:

— Ó fedelho, não apanhes os morangos todos. Deixa alguns para a gente! — e soltou uma gargalhada.

Romas ficou a pensar no que devia fazer, mas não resolveu nada. «Sou um mentiroso! A garota está doente e eu falto à minha palavra!... Não tenho vergonha na cara!»

Em casa, depois de recuperar a calma e matar a sede, Romas decidiu-se a agir. Iria sozinho, pois sabia o caminho. Portanto, bem podia colher e trazer os morangos.

Se bem o disse, melhor o fez. Pegou no cesto e caminhou rapidamente ao longo da praia. Como os pés se lhe enterravam na areia seca, pôs-se a andar junto à água, onde a areia era mais dura. E tinha que andar muito...

Romas não sabia ainda que o gabarola do Vilius o enganara. O que os rapazes tinham encontrado era apenas um punhado de bagas meio maduras. E não na Grabchto, mas perto do velho aeródromo, no lugar soalheiro...

O Sol que acabava de sair de trás de uma nuvem começou a aquecer. O vento tépido encrespava ligeiramente a água do mar. Mas Romas caminhava sem se virar. Cansado, entrou até aos joelhos na água, molhou a cara, tomou fôlego e, sem parar mais, chegou à Grabchto.

Nesta língua de areia encravada no mar crescem amieiros e bétulas e as suas clareiras estão sempre cheias de morangos.

Depois de ter atravessado um amial, Romas espantou uma lebre que parecia estar a dormir. O bicho levantou-se de um salto e desatou a correr em ziguezagues ao longo da orla, deixando ver apenas a ponta branca do rabo.

— Não tenhas medo, lebre! — gritou-lhe Romas. — Eu só quero apanhar morangos!

A lebre, porém, não se deteve, ou porque não o ouviu ou porque, de tão assustada, nada compreendeu.

Na clareira por trás do amial os morangos ainda não estavam maduros. Alguns estavam rosados só do lado do sol. O resto das bagas estavam ainda duras e não tinham sabor. Eram tantas, mas todas verdes.

O que havia de fazer? Não podia voltar para casa de mãos a abanar! Entrou numa mata de bétulas e desembocou numa outra clareira. Uma cotovia cantava nas alturas. Romas levantou a cabeça para a escutar, mas quando olhou em frente o coração estremeceu-lhe de alegria: a clareira estava toda coberta de morangos maduros! E um forte e delicioso aroma pairava no ar. Romas colheu uma mão-cheia deles e levou-os à boca. Que doces! É de comer e chorar por mais! «Não, primeiro, vou encher o cesto para Danute» — disse para si mesmo.

Ajoelhou-se e foi assim, de rastos, que explorou a clareira... Quando encheu o cesto, cobriu os morangos com folhas para mantê-los frescos. Foi só então que se lembrou de si próprio: comeu até não ser capaz de levar mais um morango à boca. Estava farto.

Depois de descansar um pouco e lavar de novo a cara e as mãos, que os morangos tinham tornado pegajosas, dirigiu-se para casa.

Chegou a casa já o Sol ia baixo. A mãe estava inquieta e zangada. Para tranquilizá-la, o avô disse:

— Não te disse que nada aconteceria ao nosso Romas? Ele sabe o que faz. E quem sabe o que faz nunca se perde! Então, o que trazes aí?

— Morangos.

— Não pode ser! É ainda cedo.

— Sim, mas os da Grabchto já estão maduros!

— Deixa ver. Que lindos!

— São para Danute!

— Ora vejam! Prometeste-os a Danute? Vai lá alegrar a tua amiga.

— Mas não demores muito! — acrescentou a mãe.

— Vou num pé e venho noutro! — E virando-se para a mãe, disse: — Tenho tanta fome!

Danute, abraçada ao cesto, disse:

— Assim que comer isto, fico boa!

Entretanto, Ignas espreitou pela janela.

— É verdade que o Romas...? — Não acabou a frase, pois viu Danute tirando morangos do cesto.

No dia seguinte, Romas procurou em vão os rapazes mais velhos. Queria convidá-los para irem aos morangos na Grabchto, mas eles haviam desaparecido ao despontar do Sol, ninguém sabia onde se tinham metido. Voltaram à tarde. Estavam cansados, bisonhos, furiosos. Vilius ordenou a Ruta:

— Chama o Romas!

Mal Romas apareceu no pátio, Vilius atacou-o:

— Porque mentiste? Não há morangos maduros na Grabchto.

— Disse a verdade — ofendeu-se Romas. — Talvez não tivésseis procurado no sítio certo.

— Percorremos a Grabchto de ponta a ponta...

— Mas eu encontrei!

Vilius piscou o olho e resmungou:

— Não sei onde os encontraste, mas o certo é que não foi na Grabchto! Não me esquecerei desta tua mentira. Percebeste?

Teria mesmo mentido? Simplesmente encontrara uma clareira batida pelo sol...

**Viktoras Miliūnas**  
*Voa, gaivota, voa*  
**Edições Ráduga Moscovo, 1987**

**Adaptação**